

O TYPOGRAPHO.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO.

Collaboradores — Diversos

Este jornal pertence aos typographos da Regeneração. Publicar-se uma vez por semana, aos domingos. Preço da assignatura : por uma serie de 10 numeros 1\$000, pagamento adiantado.

2.^a Serie | Desterra. 8 de Dezembro de 1872. | N. 20

Aviso.

Motivos plausiveis obrigam-nos á suspender por algum tempo, a publicação do *Typographo*.

A causa é a falta de pontualidade que alguns Srs. assignantes tem tido nos pagamentos, tanto da primeira, como da segunda série.

A' quelles Srs. que nos tem até hoje coadjuvado, agradecêmos do fundo d'alma.

Se até o fim do corrente mez, estiverem cobradas as assignaturas atrazadas, prometemos continuar a publicação do nosso jornal, em Janeiro.

O TYPOGRAPHO.

Desterra 8 de Dezembro de 1872.

A religião.

O que é a religião ?

Balsamo saclo ás nossas dôres ; luz que nos guia os vacillantes passos nas escabrosas veredas da vida ; mysterio incomprehensivel de Deus ; sublime philosophia, que demonstra a ordem, a unidade a Omnipotencia Divina.

Ella é que dá resignação e coragem ao misero navegante, que vê seu barco quasi afundar-se no pelago revolto ; que vê a tempestade abrir suas azas negras na immensi-

dade ; que sente o trovão rollar bramindo nos ares ; que vê montanhas d'espumante agoa rugindo em torno á si, prestes a tragal o.

Ella é que anima o guerreiro que corre á peleja, e entre nuvens de fumo e de poeira, derama seu sangue, cáe, morre, defendendo a patria.

Se não fosse a religião, esse anjo consolador dos afflictos, o que seria de nós ? Onde estaria a amizade ?

Se não fôsse a amizade, onde existiria a felicidade ?

Voltaire disse :

« O divine amitié, félicité parfaite ! »

A amizade e a religiã são gêmeas : espalham as mesmas, flôres ; ambas nos sorriem do céu ; junctas nos consolam e alliviam nossas dôres.

O cardeal Maury, escreveu que « a religião é o mais poderoso iman que existe o homem para o bem, pois quea fé o colloca sob as vistas da Divindade, e que ella impera tanto na sua vontade como no seu pensamento. A religião é um supplemento da consciencia, que aperta os laços que unem a humanidade. A religião é que mostra, tanto ao pobre, como ao rico ; ao réo, como ao juiz ; ao irmão, como ao inimigo, um pai em — Deus ! »

E, quem ouzará duvidar do poder que ella exerce sobre nós ?

Ninguem !

O TYPOGRAPHO.

ROMANCE

Maria.

ou

MEMORIAS DE UM SEDUCTOR

Terceira Parte.

I

ALVARO E MARIA.

O dia seguinte passarão todo em lagrymas e suspiros.

Ao cahir da tarde Alvaro estava sentado juuto á uma meza, meditando com o rosto escondido entre as mãos, e Maria a seu lado, cozendo.

— E-tás muito afflito, meu irmão? . .

— Não me falles, Maria.

— Ainda não te perguntei por meu pai.

— Nosso pai está á beira da sepultura . . .

— Ah !

— Por tua causa Vai á nossa casa, Maria, onde tanto prazer havia, e vê que desgraça, que desolação lá hoje impera.

— Meu irmã !

— Mas não chorés, minha irmã, porque tu não és a verdadeira culpada.

— Então, quem é ?

— E' esse miseravel, esse dominio que te seduzio, e de que heide ver o sangue correr gotta a gotta, amaldiçoando-o e calcando-o aos pés.

— Meu irmão !

— Esse infame, que lançou um velho do pedestal da honra em que se assentava, ao chão, para depois fazel-o levantar com as cans cobertas da lama do opprobrio . . .

— Oh ! . . . meu Deus !

— E-se infame, que não teve compaixão de arrancar posso velho pai ao seio da felicidade, para arrastal-o e deixal-o agonizante á beira da sepultura.

— Alvaro !

— Esse infame, que só com uma palavra que soltou de seus peçonhentos labios, nublou, escurecêo para sempre o brilhante futuro que nos esperava, Maria.

— Perdão para elle, Alvaro ! . .

— Sim ; eu heide perdoal-o ! .
Exclamou elle, dando uma gargalhada, que retumbou pelo aposento, e foi ferir os ouvidos de Maria, como um anathema.

II

RISOS E LAGRYMAS

— Ella levantou-se, e sacudindo o braço de Alvaro com todas as suas forças, exclamou:

— Que queres fazer, meu irmão ?

— Mata-lo ! que as nodas da honra lavã-se com sangue.

— Que tormento, meu Deos ! . .

— Não te deves queixar dos tormentos, Maria, porque foste tu que os procuraste Tu

Uma musica que se aproximara, veio interrompel-o.

— Que será isto ? —

Chegou á janella, mas immediatamente recuou, exclamando:

— Elle !

— Quem ? perguntou Maria.

— Agora nós, valorozo Carlos da Cunha !

— Meu Deus ! . . .

III.

NÃO O MATES !

Alvaro corréo á porta, mas Maria cahio de joelhos diante de mãos postas, e soluçando disse:

— Não ! não ! . .

— Maria !

— Não o mates ! eu o amo !

— Tu o amas ! . . .

— Sim; eu o amo e se tu lhe tirares a vida, eu tambem morrerei !

— Tu o amas ! . . murmurou Alvaro sorrindo; mas elle não te ama.

— Que importa ? quem se opporá a isso?

— Eu !

E segurando-a por um braço, atirou-a de bruços no pavimento e dirigio-se á porta, mas esbarrou-se comigo que entrava; Alvaro recaou, murmurando:

— Graças, meu Deus !

IV

ELLE ! . . .

— Que faz o Sr. aqui ? perguntei-lhe.
— Breve o saberá, Sr. não me conhece, mas eu lhe direi quem sou e o que venho aqui fazer.

— Quem é ?

— Sou Alvaro Thiago

— Oh ! Elle aqui ! murmurei baixinho.

— E deixei a Hespanha, onde estudava, para vir vingar a deshonra de minha irmã !

— Estou perdido, disse eu ; mas Alvaro não me ouviu,

— Tenho de apagar o signal que deixou o ferrote da ignominia em sua frente, com o sangue do miseravel Carlos da Cunha

— Que diz, Sr. ?

— Se ainda me não comprehendêo, espere.

E levantou a mão para dar-me uma bofetada ; mas Maria ergueo-se e collocou-se entre nós.

— Não ! . . . Não !

— Retira-te, Maria ! . .

— Eu o amo ! . . .

— Nunca ! Tu não podes amar a este homem.

— Ella ama-me !

— E com que recompensou esse amor ?

— Desculpe, Sr. se lhe não posso dar uma satisfação hoje: esperão-me em casa do commendadôr X. e não posso faltar.

— E sobre tudo, cynico ! Até onde chega a infamia ! . . .

— Saíamos, Sr. e depois de me ter vindo dos insultos que me dirigio . . .

— Graças a Deus !

— Meu irmão !

— Não posso cumprir os seus desejos, cazando com sua irmã, porque ella é uma mulher perdida.

— Sem honra ! . . .

— Porque mais espera ? perguntou-me Alvaro.

— Vamos ! . . . disse eu lançando um olhar de desprezo á Maria, e sahi.

V.

DESPEDIDA.

Alvaro quiz seguir-me, mas vio Maria cahida á um canto, sem sentidos.

— Inferno ! não me posso vingar ! . . . exclamou Alvaro cahindo de joelhos junto á sua irmã. — Esse miseravel hademe chamar de covarde ! . . . Mas não ; não hade ser assim !

VI.

UM AMOR SANTO.

Momentos depois, o som de uma musica veio lhe ferir os ouvidos. Alvaro chegou á janella e disse:

— Eil-o que se diverte no meio dos remorsos emquanto eu, izento delles, sinto o inferno no coração ! . . . Pobre Maria !. quantos tormentos, quantos martyrios não tens soffrido ! . . .

E suspendendo-a com todo o cuidado, foi collocal-a sobre um sofá, ella, com o movimento, deo um profundo suspiro.

— Estás melhor, minha irmã ? Ella não respondêo; abriu os olhos, e, depois de tel-os corrido por todo o aposento, perguntou com uma voz quasi imperceptivel:

— Alvaro

— Estou aqui. Que queres ?

— Onde está Carlos ?

— Divertido-se com Esmaralda, emquanto tu soffres por sua causa.

— Não faz mal.

— Coração de pomba, mulher de todas a mais santa, não merecias este desgraçado destino que Deus te deo !

— Meu ir mão !

— Maria, amanhã temos de nos separar.

— Para onde vais ?

— Não sei . . .

— Deus é justo ! murmurou Maria, e acrescentou em voz alta:

— Não voltas mais ?

— Não sei ! . . .

VII.

ISOLAMENTO.

No dia seguinte, ás seis horas da manhã, Alvaro despedia-se de Maria, simplesmente para mudar de domicilio.

Maria acompanhou-o até á porta, e quando o vio desaparecer a seus olhos, voltou para dentro, e foi sentar-se á sua mesa de costura, debulhada em pranto.

FIM DA 3.^a PARTE.

(Continua.)

Como a briza
Que desliza
Mansamente
Na corrente;
Sobre as agoas
Do regato,
Que suspira
D'entre o matto,
Ternas magras
Que s'expandem
Pelos ares
Perfumados
D'esses seios
Nacarados
Da florinha,
Que desbrocha
Junto á rocha,
Que a resguarda
Dos ardores
Matadores

?
De um sol quente
De verão;
Assim vão
Os meus suspiros,
Que soluço
Nos retirós
Das campinas
Verdejantes,
Junto ás rozas
Olórosas,
Que se mostram
Fascinantes
De belleza
E de candura,
Aos sorrisos
Da natura,
Que derramão
Seus perfumes
Sobre as fontes,
Que dos montes

Vem descendo
Gemedoras,
Cujas agoas
Seductoras
Romurejão
Seus amores...
Assim solto
Mil gemidos
De meu pobre
Coração!

musica religiosa.

(Scudo.)

A oração, o cuidado que se tem em recorrer á um ser superior, eterna fonte de justiça e bondade, é uma das mais elevadas manifestações do sentimento. O sentimento religioso é independente de todo o dogma positivo; pôde se-revellar sob mil

diversas fôrmas: no hymno que entôa o sacerdote, juncto ao altar, nas castas adorações do amor, no extasis do poeta, nas sublimes reflexões do philo-sopho.

Em nenhuma outra doutrina encontra-se, como na do christianismo, grande união de verdades, adoraveis symbolos, soluções metaphysicas, e agradaveis mysterios, que plenamente satisfazem a arrojada imaginação do artista.

As pompas, as cerimoniaes, o rito da Igreja catholica, formam um admiravel drama, onde transparecem as phazes do destino humano

A historia da musica religiosa pôde se dividir em quatro grandes epochas.

No seculo XVI, era ella quasi que des-pida de melodias; accentos mais devotos que religiosos; fôrmas de sincero instincto; e penosamente seguia a sua escala; aridos, mas indispensaveis trabalhos eram estes para os contra-pontos, e mestres da musica. No seculo XVII apparecêo a verdadeira musica religiosa, devida ao immortal Palestrina; e assim foi indo, até que hoje está na maior gráo de elevação, por causa de Carissimi, Scarlatti, Pergolése, Jomelli, Marcello, Haendel e Mozart.

LOGOGRIPO.

Si encontra a primeira co'a primeira bem junctas,
Cuidado! É' um rio... Não vas te afogar.
A terceira co'a quarta, leitor, se as ajunctas,
Peccado terrivel tá has-de encontrar.

Segunda com quarta bem podem cobrir-te,
Leitor friorento, do corpo a nudez,
Leitor, um conceito pretendo inpingir-te...
Sentido com elle! .. La vai de uma vez.

Na historia dessa Roma gloriosa
Um logar consagraram ao meu nome;
Ahi verás, leitor, que o meu renome,
A minha fama é toda sanguinosa.

A decifração da charada do n. 18 é —
Canario— e a do logogripho do n. 19—Ja-
boticaba.

Typ. da «Regeneração» Largo de Palacio n. 21.